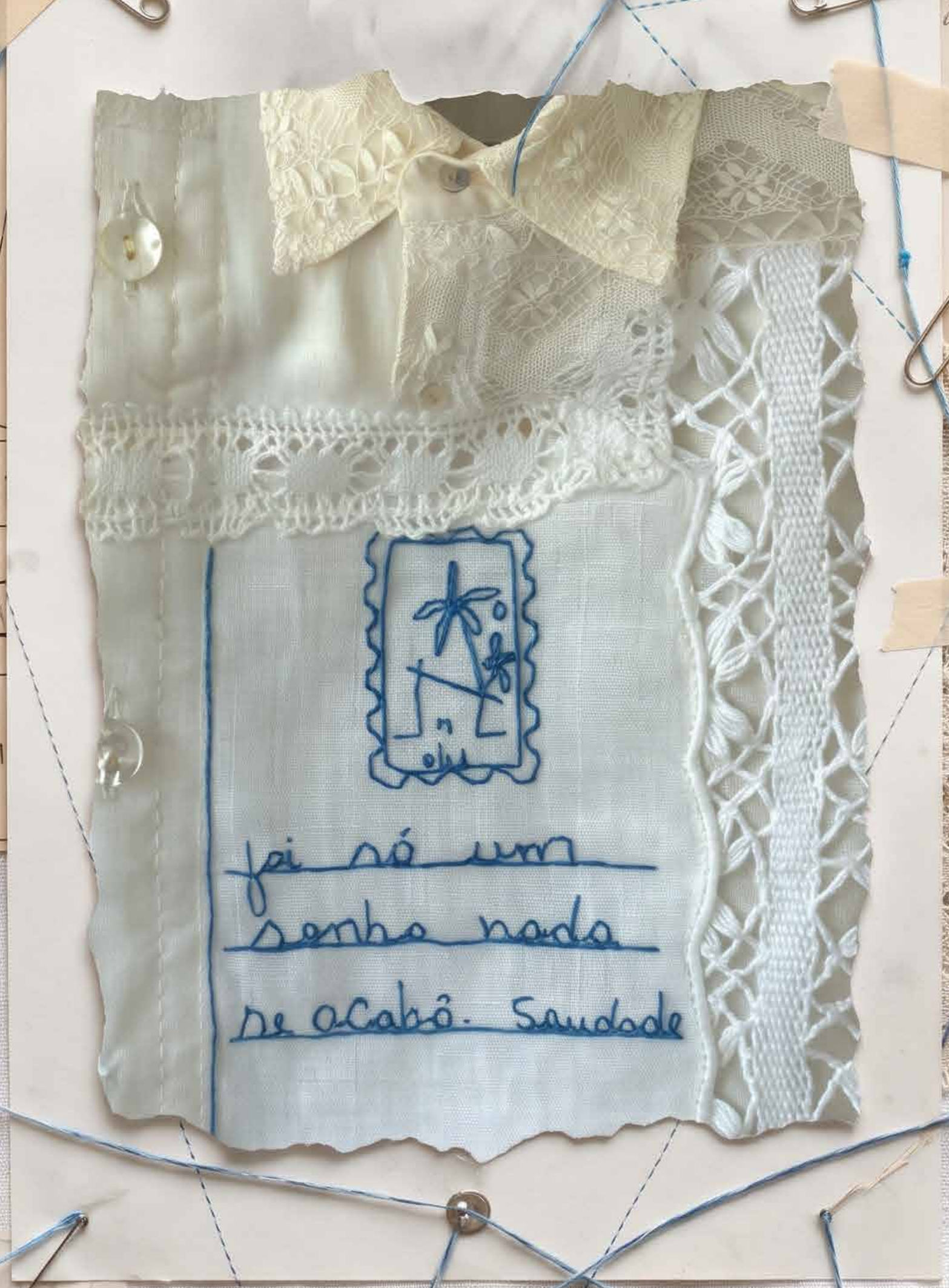

#04

CORISCO

BOLETIM DAS XXX JORNADAS DA EBP SEÇÃO BAHIA

EDITORIAL

Lara Cedraz - associada ao IPB
Vinicius Ribeiro - praticante de psicanálise

"Tecidos ferrados" é o nome dado por Savio – diretor de criação e pesquisador da cultura popular brasileira – para sua pesquisa que provém do fazer artístico. Ele trabalha com tecidos "ferrados", fazendo alusão ao ato de ferrar o gado, prática colonial de demarcação territorial e de posse. O artista deparou-se com tecidos marcados com as iniciais das famílias coloniais e foi esse material que utilizou para produzir uma coleção de peças bordadas. Ao tentar desfazer essas marcas, Savio ferrava os tecidos, estragando-os e transformando-os em outra coisa a partir do mesmo material. Contaremos com fotografias de sua arte que tanto nos ensina sobre o fazer analítico nos tempos atuais em que a interpretação e a transferência visam incidir nessa marca inaugural, resultado do trauma da língua no corpo.

De que forma a transferência serve de passagem do ferrar ao ferrar – é essa proposta que Fernanda Otoni nos apresenta em seu texto "Observações sobre o amor transferencial". Ela nos dá uma dica preciosa de leitura para pensarmos a transferência hoje como um "dispositivo passador".

A condição para que algo possa passar de-para é o estrago, que seja "ferrrado". Fazer da língua lugar de trop**R**eço é o que propõe Maria Simas no texto "Psicanálise, ainda?", a partir da participação na preparatória para as XXX Jornadas da EBP-BA em Feira de Santana. Utilizar do equívoco, esse "R" mal alojado, "pedra no meio do caminho" para fazer fissura nas certezas.

No texto intitulado “O gozo que faz barulho e a pergunta que quase não se escuta”, Raíssa Silveira levanta questionamentos valiosíssimos para a clínica hoje: o que a clínica da toxicomania pode nos ensinar sobre o inconsciente e a transferência hoje? O que ocorre quando uma resposta de gozo se apresenta antes ou sem pergunta? Onde há o rechaço ao inconsciente, como fazê-lo operar?

Lucy de Castro, em seu texto “Inconsciente: que palavra esquisita”, discorre sobre algumas mudanças na psicanálise no decorrer dos anos, conceitos, termos, definições. Ela aponta para a diferença entre analisar o inconsciente no último ensino de Lacan, do inconsciente lacaniano estruturado como linguagem, e do inconsciente freudiano.

A poesia é uma das possibilidades de explorar os limites da linguagem e de contornar o impossível de dizer. Como disse Mario Quintana, a poesia não se entrega a quem a define. Sem a pretensão de definir aquilo que fizemos, foi durante a leitura dos textos que surgiu a ideia de brincar com as palavras: removê-las, realocá-las, sublinhá-las, desenhá-las e, nesse movimento, produzir um recorte poético. Um modo de leitura que se faz também através da invenção, no qual as palavras, deslocadas de seus lugares originais, podem produzir outros sentidos, abrir novas possibilidades, horizontes, interpretações. Esta é a beleza da poesia: a invenção.

Boa leitura!!!

O amor pega um transfer

&

No fim da linha

Há

Um

mesmo-novo amor

OBSERVAÇÕES SOBRE O AMOR TRANSFERENCIAL

Fernanda Otoni Brisset (AME EBP/AMP)

No ensino da psicanálise, a palavra amor se associou à transferência desde Freud. Por sua vez, Lacan a retoma em seu ensino fazendo um percurso do amor transferencial até chegar a um novo amor ao final. O amor como ponto de partida e de chegada. Para fazer esse percurso, de Freud a Lacan, é imprescindível passar pelo texto freudiano "Observações sobre o amor transferencial" e ler com Lacan seu ensino.

Em Freud (1915/2016, p. 178), lemos que o analisante, "impedido em sua capacidade de amar devido a fixações infantis", transfere ao analista as condições de seu amor, ou seja, os traços da escolha de objeto e as fantasias em torno dele, trazendo à cena um amor forçado pela situação analítica mesma – um amor repetição. As condições da escolha de objeto descritas por Freud implicam que há um objeto primordial que foi fixado a partir de uma primeira experiência de satisfação, e todo amor ulterior é um deslocamento desse objeto, de tal sorte que, em Freud, o amor é transferência: o sujeito vislumbra, em um objeto x, o traço do objeto perdido. Esse traço é um pequeno detalhe que abre o acesso à matéria do trabalho analítico – é um traço que permite ao gozo passar a esse outro lugar através de sua transferência a um novo objeto. A transferência, como um dispositivo pas-

sador, funciona como uma calha por onde o Um do gozo desliza a esse novo objeto – o analista –, que, por isso mesmo, se torna um objeto de amor do qual se servirá, de modos e em tempos diversos, para levar a experiência analítica até seus confins.

Referência:
FREUD, S. Observações sobre o amor transferencial. (1915) In: FREUD, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. (Obras incompletas de Sigmund Freud)

RESPOSTA RESPOSTA RESPOSTA

RESPOSTA RES POSTA RESPOSTA

RESPOSTA RESPOSTA RESPOSTA

RESPOSTA RESPOSTA RESPOSTA

RESPOSTA RESPOST AR ESP

PERGUNTA

PSICANÁLISE, AINDA?

Maria Simas
graduanda em Psicologia
UEFS/IC do LAPPSI

Lembro-me de colegas do curso de Psicologia me perguntarem nos corredores da universidade: “Por que escolhi a Psicanálise?”. Respondo com outra pergunta: “Por que não a Psicanálise?”. Em um mundo cada vez mais "desbussolado" e urgente, infestado de soluções *prêt-à-porter*, a psicanálise se interessa justamente por aquilo que escapa a essas fórmulas. A poesia de Carlos Drummond de Andrade nos adverte: “no meio do caminho tinha uma pedra”. No seu seminário *O osso de uma análise*, Miller (1998, p. 33) recorre exatamente a esse verso para definir o obstáculo intrínseco à nossa práxis,

afirmando de forma direta: "[...] o caminho do qual se trata, para nós, é o caminho da fala, e a pedra da qual se trata é também a pedra da fala". O sujeito procura a análise justamente porque tropeçou, porque há um osso, uma pedra na rota da sua fala.

A poesia de Carlos Drummond nos adverte: “no meio do caminho tinha uma pedra”. Uma pedra que insiste, que faz tropeçar, que retorna e reaparece. Foi capturada por essa imagem que participei da atividade “Psicanálise, ainda? A clínica hoje”, conduzida pelo psicanalista Wilker França (EBP/ AMP) com comentários de Rogério Barros (EBP/ AMP). O evento, encabeçado pelo Laboratório de Pesquisa em Psicanálise da UEFS (LAPPSI/UEFS) como preparação para as XXX Jornadas EBP – Seção Bahia, colocou como interrogação fundamental: em um tempo acelerado em que o mal-estar aparece menos como inconsciente, o que fazemos com aquilo que insiste e resiste no sujeito?

Como discutido na conversação, vivemos a época da pressa e do desbussolamento, verdadeiro sintoma de nossa era. Se no tempo de Freud o sujeito se apresentava com um inconsciente eloquente, que se dava à leitura facilmente, o sujeito contemporâneo frequentemente chega ao consultório dormente, em silêncio, munido de uma explicação pronta sobre si mesmo. Exige-se da psicanálise uma garantia de funcionamento, uma solução imediata, como ilustrou a vinheta do jovem executivo que exigia certezas contra seus ataques de pânico. Saímos da clínica da pergunta para adentrarmos na clínica da resposta.

Diante dessa urgência, a aposta da Psicanálise caminha na direção oposta: não saber rápido demais. A interpretação já não opera na lógica de descascar uma cebola em busca de um sentido profundo; ela se aproxima da poesia, utilizando os barulhos da língua para fazer uma fissura na certeza do sintoma. O belo exemplo clínico trazido por Wilker do "conferir" que, pela homofonia, ressoa "com ferir", demonstra como a intervenção faz a palavra adquirir outro peso. A língua tropeça e evidencia que não serve apenas à comunicação, revelando os estranhos modos de gozo de quem fala.

Em uma cultura atravessada pelo individualismo, onde as pessoas já fazem par com seus próprios modos de satisfação, o analista é convocado a sustentar a transferência com a presença do seu corpo. Como um "bricoleiro" e um "analista cidadão", sua função não é oferecer ideias, mas sustentar um lugar possível para o sujeito. Diante de discursos engessados, o psicanalista suporta a falta de garantias e convida o outro a construir um saber inédito sobre si.

No final das discussões, a pedra do poema continuava lá: a mesma, mas lida de outra forma. Na clínica não se retira a pedra do caminho, mas possibilita-se que o sujeito, por meio do ato de dizer, a contorne de outra maneira. Afinal, como assevera Miller (1998, p. 31) sobre a dialética de Drummond, "é pelo caminho que a pedra existe, mas é também pela pedra que o caminho existe".

Referência:

MILLER, J.-A. O osso de uma análise. Seminário proferido no VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise. Biblioteca Agente, Número especial de Agente. Salvador, 1998.

O GOZO QUE FAZ BARULHO E A PERGUNTA QUE QUASE NÃO SE ESCUTA

Raíssa Silveira - associada ao IPB

Em “A teoria do parceiro”, Miller situa a toxicomania na época em que os ideais empalidecem diante da prevalência dos objetos mais-de-gozar. Se ela nos interessa hoje, afirma, é porque traduz a “solidão de cada um com seu parceiro-mais-de-gozar”, chegando a considerar o gozo toxicômano “emblemático do autismo contemporâneo do gozo” (Miller, 2000, p. 170, 172). A toxicomania pode, assim, funcionar como uma lente de aumento de uma lógica que a ultrapassa: encontrar no objeto uma satisfação disponível, repetível e potencialmente ilimitada, que promete contornar a falta e a passagem pela mediação do Outro.

Sem fazer de todo consumo uma toxicomania, podemos perguntar: se esse modo de gozo radicaliza algo do nosso tempo, o que sua clínica pode nos ensinar sobre o inconsciente e a transferência hoje?

O uso do tóxico pode constituir uma resposta antes mesmo que algo se apresente ao sujeito como pergunta. Não há, contudo, uma função universal da droga. Interessa localizar o lugar singular que ela ocupa na economia de gozo de cada um: o que trata, o que evita, o que

satisfaz. Diante da angústia, da castração, do encontro com o Outro sexo ou de um gozo que invade, o sujeito pode encontrar no tóxico uma solução que se reitera. Se o sintoma comporta um enigma endereçado ao Outro e abre a via à suposição de saber, o que ocorre quando uma resposta de gozo se apresenta antes ou sem pergunta? Ali onde está o rechaço ao inconsciente, como fazê-lo operar?

A orientação psicanalítica na clínica das toxicomanias já produziu um deslocamento decisivo: do objeto-droga à função singular do tóxico e à introdução do sujeito do inconsciente sob transferência (Beneti, 2014). Mas localizar essa função não basta para fazê-la falar. O impasse persiste quando a resposta de gozo se repete sem se converter em pergunta, resistindo à suposição de saber que a sustentaria como sintoma. É esse ponto que a virada para o falasser me parece nos permitir avançar. Se a interpretação não se orienta apenas pela produção de sentido, mas também por seus efeitos de gozo, a transferência tampouco pode ser reduzida à suposição de saber. Corpo e saber, palavra e gozo não designam dois tempos do tratamento, mas dimensões logicamente articuladas da experiência analítica.

Em Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan, Miller (2011, p. 186) pontua: “Se não houvesse um corpo suposto gozar, não haveria psicanálise. Não basta o sujeito suposto saber”. A suposição de saber é indissociável da suposição de uma substância gozante, e “a fala é também a substância do gozo”. O corpo entra, assim, na própria dinâmica da transferência. Se na toxicomania “aparentemente se prescinde do Outro”, Miller já advertia que “em um certo sentido o próprio corpo é o Outro” (Miller, 2000, p. 172).

Essa articulação permite interrogar a função do analista. Em certas apresentações clínicas, sua presença talvez possa se oferecer como um endereço sem se oferecer como resposta. Não se trata de

substituir o tóxico pelo analista, nem a resposta do objeto por um saber sobre ela, mas de sustentar um lugar onde algo do gozo possa ser recolhido pela palavra, sublinhado, alojado, circunscrito, sem pretender reduzi-lo inteiramente ao sentido. Há, afinal, um "gozo opaco que exclui o sentido", que "não se deixa significar" (Miller, 2011, p. 190).

Diante de um gozo que tende ao Um, a presença do analista pode introduzir uma alteridade no circuito reiterativo de satisfação, abrindo um intervalo onde uma mesma solução tendia a se impor. Talvez aí algo do inconsciente encontre condições para fazer questão.

A toxicomania nos força a enxergar isso porque ali, muitas vezes, a resposta de gozo faz muito barulho e a pergunta ainda quase não se escuta. Um lampejo para a psicanálise diante dos modos de gozo contemporâneos. Em uma época pródiga em objetos que se oferecem como respostas ao mal-estar, o analista não precisa acrescentar mais uma. Pode oferecer um endereço sem se oferecer como resposta, sustentando, pela transferência, um lugar onde corpo e palavra, saber e gozo possam entrar em jogo. Se a satisfação pode preceder a pergunta, talvez seja nessa abertura que o inconsciente possa, ainda hoje, operar.

Referências

BENETI, Antônio. A toxicomania não é mais o que era. In: MEZÊNCIO, Márcia; ROSA, Márcia; FARIA, Maria Wilma de (orgs.). Tratamento possível das toxicomanias… com Lacan. Belo Horizonte: Scriptum, 2014. p. 27-38.

MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. In: ESCOLA BRASILEIRA DE PSICANÁLISE (org.). Os circuitos do desejo na vida e na análise. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2000. p. 153-207.

MILLER, Jacques-Alain. Décima quarta lição. In: MILLER, Jacques-Alain. Perspectivas dos Escritos e Outros escritos de Lacan: entre desejo e gozo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

O escabelo não é escada

mas tem degraus

que usa para se erguer; sobe, para fazer-se belo

É seu pedestal que lhe permite elevar a si mesmo

à dignidade da coisa

O escabelo é a

sublimação

Os escabelos estão aí, para fazer a beleza

que é a última defesa contra o real

Uma vez que os escabelos sejam derrubados, queimados

resta ao falasser analisado demonstrar seu fazer com o real

saber fazer com ele seu objeto de arte

seu saber dizer, saber bem dizê-lo

INCONSCIENTE: QUE PALAVRA ESQUISITA

Lucy de Castro (EBP/AMP)

Com essa frase, Jacques-Alain Miller inicia sua entrevista com Lacan, no Natal de 1973, em um programa sobre a Psicanálise, por iniciativa do Serviço de Pesquisa do ORTE. Dividido em duas partes, uma delas anunciava: “Um programa sobre Jacques Lacan” (Lacan, 1973/2003). Miller foi o entrevistador.

A palavra “esquisita(o)” costuma nos remeter a algo estranho, quando pode ser melhor guardar distância, até que pareça mais familiar.

Lacan corta Miller dizendo: “Freud não encontrou outra melhor e não há porque voltar a isso” (Lacan, 1973/2003). E acrescenta: “[...] essa palavra tem o inconveniente de ser negativa, o que permite supor ali qualquer coisa, inclusive o resto. Por que não? Para coisa despercebida, a expressão ‘por toda parte’ equivale a ‘em parte alguma’” (Lacan, 1973/2003).

Naquela ocasião, diz Miller (2016), já lhe parecia que o termo Inconsciente não conjugasse muito bem com o ponto no qual Lacan estava em sua doutrina.

Miller retoma aquele comentário sobre a palavra inconsciente ao proferir sua conferência no encerramento do IX Congresso da AMP em 2014, ocasião em que apresentou o Tema para o X Congresso da

AMP que se daria no Rio de Janeiro, em 2016: “O corpo falante. Sobre o inconsciente no século XXI”.

Segundo Miller, Lacan já admitia que a palavra inconsciente era imperfeita. Miller pondera que Lacan já avançara em seu último ensino, que teve como marco inicial o Seminário 20, *Mais, ainda* (1972-1973), onde um novo conceito para o Inconsciente tomava forma e substituiria o inconsciente freudiano. Lacan denominou esse novo conceito como parlêtre (falasser, em português), mas considerou que essa palavra não deveria ser divulgada em um congresso: por se tratar de um neologismo – constituído pela junção de *parler* (falar) e *être* (ser) –, ninguém iria entender.

Lacan volta atrás e introduz o *parlêtre (falasser)* formalmente no Seminário 22, RSI, na lição de 17 de dezembro de 1974, e, com mais consistência, no texto “Joyce, o Sintoma” (Lacan, 1976/2003, p. 564) e no Seminário 23, *O sinthoma* (1975-1976/2007, p. 55), quando ele profetiza que o falasser substituirá a palavra inconsciente: “[...] no sujeito que se sustenta no *falasser*, que é o que designo como sendo o inconsciente”.

Analisar o inconsciente do último ensino de Lacan, o *falasser*, não é a mesma coisa que analisar o *inconsciente lacaniano estruturado como linguagem*, nem o inconsciente freudiano.

Os congressos da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) de 2012, 2014 e 2016 fundam-se no último ensino de Lacan e trazem a referência “no século XXI”:

2012: A Ordem Simbólica no século XXI – não é mais o que era
2014: Um Real para o século XXI
2016: O corpo falante – sobre o Inconsciente no século XXI.

Desse último, “O corpo falante”, tentaremos extrair alguns pontos

que evidenciam que, HOJE, o Inconsciente já não é mais o mesmo que antes: O Corpo Falante, lugar de *lalíngua*, se apresenta como "um acontecimento de corpo" é o *falasser*.

Miller lança uma aposta – *já analisamos o falasser, restando saber dizê-lo*:

> Aprendemos a dizê-lo, por exemplo, quando falamos do "sintoma" como de um "*sinthoma*". O *sinthoma* é um conceito da época do falasser, que traduz um deslocamento do conceito de sintoma do inconsciente ao falasser. O sintoma como formação do inconsciente estruturado como uma linguagem é uma metáfora, um efeito de sentido induzido pela substituição de um significante por outro. Em contrapartida, *o sinthoma de um falasser é um acontecimento de corpo, uma emergência de gozo* (Miller, 2016).

É um fato que a Psicanálise muda, apesar de nossa atrelagem às palavras e aos equívocos antigos. É um esforço continuado permanecer o mais próximo possível da experiência para dizê-la, sem se deixar esmagar sob o muro da linguagem. É preciso um (a)muro para perfurá-lo, e Lacan diz que encontra essa palavra no *falasser*.

Do inconsciente ao *falasser*, a metáfora nos dá o envelope formal do acontecimento do corpo. O *falasser* está ao lado do *sinthoma, e ao lado do sinthoma está o escabelo* (escabeau), que Lacan apresenta em "Joyce, o Sintoma" (Lacan, 1976/2003).

O escabelo não é escada, mas tem degraus que usa para se erguer; sobe, para fazer-se belo. É seu pedestal que lhe permite elevar, a si mesmo, à dignidade da coisa (Lacan, 1959-1960/2008, p. 141). É um conceito transversal e traduz a sublimação freudiana.

O escabelo é a sublimação na medida em que se funda sobre o "eu não penso" inicial do *falasser*. O "eu não penso" é a negação do inconsciente, por meio do qual o falasser se crê senhor de seu ser.

Joyce faz convergir *sinthoma* e escabelo: faz do próprio *sinthoma* como inteligível, o escabelo de sua arte.

Os escabelos estão aí, para fazer a beleza, que é a última defesa contra o real. Uma vez que os escabelos sejam derrubados, queimados, resta ao *falasser* analisado demonstrar seu fazer com o real, saber fazer com ele seu objeto de arte, seu saber dizer, saber bem dizê-lo. Como no passe, acontecimento que, no AE, é um dizer do um sozinho.

No final do ensino de Lacan, o Inconsciente é definido como REAL, ligado ao gozo; como aquilo que escapa ao sentido, à cadeia significante e à representação.

É sobre isso que pretendemos saber mais em nossas Jornadas de novembro.

Referências:

LACAN, J. Televisão. (1973) In: LACAN, J. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 508-543.

LACAN, J. Joyce, o Sintoma. (1976) In: LACAN, J. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. p. 560-565.

LACAN, J. O seminário, livro 7: A ética da psicanálise. (1959-1960) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Antônio Quinet. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

LACAN, J. O seminário, livro 23: O sinthoma. (1975-1976) Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução: Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MILLER, J.-A. O corpo falante – sobre o Inconsciente no século XXI. X Congresso da AMP. Rio de Janeiro. 2016. Scilicet.

Comissão de Divulgação, Mídias e Site:

Aléssia Fontenelle e Wilker França (Coord.)
Bruno Oliveira, Graziela Pires, Milena Nadier,
Fernanda Dumet, Lara Cedraz e Vinicius Ribeiro

Imagens dos bordados: Savio Drew (@casa.obi)

Design: Bruno Senna